

# Booktubers: narrativas e experiências literárias da juventude contemporânea

Vanessa Monteiro Ramos Gnisci<sup>1</sup>

## Resumo

Com a difusão da tecnologia para e pela juventude contemporânea, os espelhos e espaços virtuais tornaram-se importantes meios de diálogo e expressão, bem como, motivadores de novos valores, comportamentos e culturas de consumo de uma população conectada. Nas novas conjunturas, a ideia da juventude como mero espectador é superada por uma concepção de interlocutores e produtores de conteúdos que influenciam em diferentes aspectos a formação cultural atual. O artigo tratará das questões referentes a novas formas de narrativas por Booktubers, jovens que postam em canais do *Youtube* vídeos especializados em crítica literária, a partir das contribuições de autores como: Larrosa (2002), Sibília (2008 e 2016), Fernandes (2009) e Sarlo (2007).

**Palavras-chave:** Booktubers – narrativas – experiências – juventude

## Booktubers: narratives and literary experiences of contemporary youth

### Abstract

With the diffusion of technology for and by contemporary youth, mirrors and virtual spaces have become important means of dialogue and expression, as well as motivators of new values, behaviors and consumption cultures of a connected population. In the new conjunctures, the idea of the youth as mere spectator is overcome by a conception of interlocutors and producers of contents that influence in different aspects the current cultural formation. The article will deal with the questions related to new forms of narratives by Booktubers, young people who put videos specialized in literary criticism on YouTube channels, based on the contributions of authors such as Larrosa (2002), Sibília (2008 and 2016), Fernandes (2009) and Sarlo (2007).

**Keywords:** Booktubers - narratives - experiences - youth

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela UNIRIO, Mestre em Educação pela UERJ e Especialista em Literatura Infanto-Juvenil pela UFF. Professora da Universidade Cândido Mendes e Universidade Iguazu. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação (CACE)

Textura	Canoas	v. 20 n.42	p. 106-124	jan/abr. 2018
---------	--------	------------	------------	---------------

## Introdução

Desde os clássicos da literatura, como as personagens Alice, do escritor inglês Lewis Carroll, em sua obra *Alice através do Espelho* (1872), a jovem madrasta, no conto “Branca de Neve e os sete anões”, compilado pelos Irmãos Grimm (entre 1812 e 1822), e o mito de Narciso, ao se apaixonar pela própria imagem refletida em um espelho d’água, a figura do homem, reflexo de Deus na tradição cristã, busca formas de representação e reconhecimento de sua essência e identidade, ainda que por meio de um simples espelho.

Os caminhos de personagens da literatura não são diferentes dos jovens que, ainda em processo de formação acadêmica, já anseiam e produzem linguagens que expressam seus dilemas, conflitos, imaginário, emoções e expectativas na sociedade contemporânea. Com a difusão da tecnologia e atratividade para esta juventude, os espelhos e espaços virtuais tornaram-se importantes meios de diálogo e expressão, bem como, motivadores de novos valores, comportamentos e culturas de consumo de uma população, efetivamente, conectada.

Há de se destacar também, que esta geração, principalmente nestes espaços de realidade virtual, apresenta-se como espelho retrovisor da sociedade (NOVAES, 2007), refletindo os anseios, dilemas e desigualdades sociais, culturais, de gênero, econômica e políticas. Nessas novas conjunturas, a ideia da juventude como mero espectador é superada por uma concepção de interlocutores e produtores de conteúdos, que influenciam em diferentes aspectos a formação cultural atual.

Em 2011, conforme pesquisa de Ciribeli e Paiva, os brasileiros passavam mais de 60 horas por mês navegando na Internet, configurando-se como o país com o maior número de pessoas conectadas às redes sociais. Se o número já parecia expressivo, em 2015, na pesquisa *Futuro Digital em Foco Brasil*, divulgada pela consultoria com Score<sup>2</sup>, a constatação é de que o interesse por conteúdos digitais encontra-se em ampliação, visto que os brasileiros passaram a gastar 650 horas por mês em redes sociais e 290 horas em portais de notícias e entretenimento.

---

<sup>2</sup>Empresa dos EUA que promove análises de conteúdos na Internet. Site: <http://www.comscore.com/por/>

Se o interesse pelos ambientes virtuais aumentou, as produções e conteúdos se multiplicaram. A crescente produção e compartilhamento de textos e diálogos sobre literatura por jovens brasileiros revela o que, virtual e fisicamente, é inerente ao ser humano; que a própria existência do indivíduo atrela-se ao fato de que “a vida começa apenas no momento em que uma enunciação encontra outra, isto é, quando começa a interação verbal, mesmo que não seja direta “de pessoa a pessoa”, mas mediatizada pela literatura” (BAKHTIN, 1986, p. 179).

Desta forma, a linguagem seria, antes de tudo, inerente ao indivíduo. Um conceito de linguagem importante a ser enfatizado no decorrer do texto seria o de um conjunto de práticas sociais, relacionando à produção de linguagem e de discurso. Este, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de texto, que nada mais é do que o produto da atividade discursiva, oral ou escrita.

O discurso, neste sentido, representa uma unidade fundamental de estudo, como atividade de sujeitos inseridos em contextos sócio-historicamente determinados. O discurso materializa o conflito entre determinações subjetivas e sociais que produzem efeitos de sentido entre interlocutores. Como objeto coloca, de forma central, tanto o sujeito da linguagem como também o contexto social, compreendendo a linguagem como lugar de conflito, onde se estabelece a relação entre sujeito e sociedade. Assim, o discurso é concebido como prática social na qual sujeito e sociedade se colocam em confronto (ORLANDI, 1987).

Fairclough (2001) também utiliza o termo “discurso” ao se referir ao uso da linguagem como prática social e não somente individual. O autor estende a noção a variadas “formas simbólicas, tais como imagens visuais e textos que são combinações de palavras e imagens” (FAIRCLOUGH, 2001, p.23) e fundamenta-se nas relações entre discurso e mudança social.

O autor conceitua *discurso* como sendo um modo de ação, uma forma em que os sujeitos agem sobre o mundo e sobre os outros. Nesse sentido, as produções de booktubers no que tange à crítica literária podem ser compreendidas como uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação deste.

Entendido como prática social, o discurso é determinado pelas estruturas sociais, regido por normas, regras e convenções, com uma finalidade social previamente determinada. Desse modo, a prática discursiva e a estrutura social

estão em permanente relação dialética, pois a linguagem é constituída enquanto prática social. O discurso é, por excelência, o lugar de confronto entre sujeito e sociedade, onde se formam e se renovam as ideologias que vão, ao mesmo tempo, produzir e reproduzir a estrutura social (GUIMARÃES, 2006). Destaca-se, portanto, a importância de se considerar a relação fundamental entre linguagem, sujeito e sociedade.

O texto literário seria, então, aquele perpetuado em clássicos e na história da literatura em diferentes contextos, nas complexas críticas de renomados autores ou em postagens de jovens em canais do Youtube. Logo, o processo dialógico, não se restringe a apenas o ato de dizer algo para alguém, mas *para* alguém e *com* alguém.

### **Narrativas literárias ontem e hoje**

A aproximação do leitor infantojuvenil traz, historicamente, diversos marcos que refletem o contexto social de um país em busca de uma identidade cultural. Até o século XIX, a leitura literária, dentro ou fora da escola, restringia-se a versões advindas de Portugal ou de traduções europeias para um seletor público que, mesmo com rara competência leitora e poucos recursos para adquirir o caro produto, não se identificava com o idioma e as narrativas.

A literatura infantojuvenil brasileira nasce, propositalmente, para acompanhar a primeira e importante transformação desta nova sociedade republicana, como citam Zilberman e Lajolo (1988):

A coincidência do surgimento da literatura infantil brasileira com a abolição da escravatura e o advento da República não parece fortuita. Nesse fim de século, vários elementos convergem para formar a imagem do Brasil como a de um país em processo de modernização e que por isso quer ostentar, ao nível de suas instituições políticas e culturais(...). A extinção do trabalho escravo, o crescimento e a diversificação da população urbana, a incorporação progressiva de levas de imigrantes à paisagem da cidade (...) começam a configurar a existência de um virtual público consumidor de livros infantis e escolares, dois gêneros que também saem fortalecidos das várias campanhas de alfabetização deflagradas e lideradas, nesta época, por intelectuais, políticos e educadores. (p. 15)

Em um breve contexto histórico, a literatura juvenil brasileira desenvolve-se no século XIX e até meados do século XX, produzindo uma literatura que refletisse a cultura local, mas extremamente voltada para a transmissão de conteúdos escolares, normas absolutas e dogmáticas que, por seu caráter rígido, entra em conflito com a natureza fluida de toda arte.

É a partir dos anos 1960, com a produção inovadora e crítica de Lobato, que as obras apresentam novos questionamentos sobre o mundo e suscitam novas experiências de prazer, emoção e interação com a leitura.

Um marco relevante no estudo em recorte trata-se da própria ideia de crítica literária que, na passagem do século XIX para o século XX, modificou-se, propiciando o questionamento da atual sociedade de quais critérios seriam válidos para que determinada obra fosse considerada efetiva? Sem tomar-se do relativismo que norteia parte da atualidade, é preciso constar que, no decorrer do desenvolvimento da literatura para jovens, novos processos de experiência e análise foram surgindo, potencializados com o advento da tecnologia, também novos critérios objetivos foram estabelecidos, a partir das concepções de especialistas, mas também, de seus próprios leitores comuns.

Tratava-se apenas do princípio de muitas mudanças que se sucederiam. No paradigma contemporâneo, as novas tecnologias e ferramentas digitais trariam novas experiências e formatos que influenciariam a maneira com que o indivíduo interage consigo, com o outro e como se relaciona e produz múltiplas linguagens.

Conforme Sibília (2016), em 2006, com a publicação da revista *Time* ao selecionar a pessoa que, devido a sua importância e influência, se tornaria a mais importante do ano, ao escolher *você*, no sentido de pessoa comum, ao reconhecer o protagonismo do indivíduo que modificaria modos e percepções na literatura, política, economia e outros, marcariam novos tempos em que a produção, propagação e crítica de conteúdos seriam realizadas de escritores a leitores críticos usuários da internet.

Quanto às produções e críticas literárias, o blog pode ser considerado a primeira ferramenta midiática a compartilhar relatos de experiências individuais e coletivas de diversas áreas e interesses, incluindo a temática literária.

Em um breve histórico sobre os blogs, o termo original, weblog, que vem de web+log (arquivo Web), surge em 1998, sendo cunhado por Jorn Barger para se referir a um conjunto de sites que divulgavam links interessantes, funcionando como uma ferramenta de publicação estruturada, atualizada a cada nova publicação. No entanto, é em 1999, que os weblogs ganham ferramentas que, além de oferecer maior facilidade na publicação e manutenção do site, populariza e diversifica os conteúdos veiculados.

O blog se popularizou com bastante rapidez, tanto pelas facilidades que oferece quanto ao acesso e gerenciamento, visto não ser necessário o domínio de técnicas rebuscadas e publicitar ideias a baixo (ou sem nenhum) custo. Os artistas, escritores, desenhistas, fotógrafos, professores não ficam alheios à inovação e exploram essa plataforma para divulgação de suas produções. Tal foi a popularização, que hoje já se fala da “blogosfera”, proporcionando a interação dos distintos blogs (PAULO *et al.*, 2007).

Um marco que contribui na transição de narrativas escritas para produções audiovisuais, inicialmente rudimentares, foi a campanha publicitária em 2005, por operadoras de celulares que para promover seus aparelhos, divulgam a proposta dos usuários gravarem pequenos vídeos com seus telefones celulares e enviarem para possível divulgação destes em rede, com incentivo econômico para os selecionados.

É na primeira década do século XXI, que jovens como Felipe Neto, Kéfera Buchmann e Guilherme Zaiden se destacam com pequenos vídeos que viralizam nas redes, arrebatando milhares de jovens para o diálogo nas diversas áreas de entretenimento, com destaque para críticas de cinema, livros, comentários ácidos do cotidiano e *games*.

O termo *blocks*, surgiria a partir da fusão blog + book (livro em Inglês), a partir de *youtubers* como Clarah Averbuckee Guilherme Zaiden, que entre os anos de 2002 e 2006 já obtinham, em média, 50 milhões de visualizações nas produções compartilhadas que resultam em livros baseados nos relatos registrados nos vídeos postados e aclamados em suas páginas.

Em seguida, o termo *booktubers*, jovens que focam na produção de vídeos relacionados à literatura e aos interesses de leitura, se ampliaria alcançando elevados acessos dos relatos de experiências a partir de seus gostos e percepções literárias, conquistando um público jovem interessado na temática e notoriedade que viria a despertar editoras para o fenômeno e possível captação deste para a visibilidade de suas produções.

## **Booktubers e as contemporâneas redes de leitura e crítica literária**

No que tange às narrativas literárias e autobiográficas, os *booktubers* são referência na formação de hábitos de leitura das novas gerações, visto que, compartilham seus gostos literários como leitores e suas produções autorais a partir dos canais do *youtube*.

As diversas plataformas como o *Youtube*, que surgiu há mais de uma década como repositório de vídeos, estão repletas de canais e vídeos que difundem materiais de diversas naturezas. No campo literário, resenhas, críticas, indicação de livros, exibição de obras autorais têm obtido espaços cada vez mais amplos por meio de pessoas que promovem canais que discutem e divulgam livros para determinada faixa etária.

A expressão *booktuber*, junção de *book* (livro em inglês) com *youtuber* vem gradativamente se popularizando, com expressivo espaço de aceitação entre adolescentes e jovens que de fiéis seguidores tornam-se promissores consumidores pelo mercado editorial.

Os *booktubers* se popularizaram no *YouTube* com canais que, inicialmente, prometem ajudar aos leitores a digerir os clássicos, estudar para os vestibulares e aprender métodos de leitura e escrita. No entanto, tais relatos se distanciam das concepções de uma leitura desinteressante e obrigatória, como muitas vezes a literatura é apresentada na escola.

Um exemplo deste fenômeno na internet, o *booktuber* Bruno Miranda, 20 anos, do canal: Minha Estante, há quatro anos contabiliza mais de 5 milhões de visualizações, com novos vídeos produzidos semanalmente que tratam de humor sobre cotidiano e cultura pop através da literatura. Com mais de 140 mil inscritos no canal, o jovem de 20 anos intitula-se escritor de livros contemporâneos, tendo o lançamento de sua primeira obra, *Azeitona*, em 2016, na Bienal do Livro:

Figura 1. Layout do canal: Minha estante



Fonte: Página do Canal do *Youtube* Minha estante<sup>3</sup>

A descontração e a contextualização com situações cotidianas dos jovens são estratégias percebidas nos vídeos para romper pré-conceitos e possível pedagogização dos livros que, constantemente chegam às estantes dos jovens por intermédio familiar e do incentivo escolar como recursos para avaliações e transmissão de conteúdos curriculares.

Entre os canais promovidos encontram-se especialistas ou não na temática, o que nas novas relações com o conhecimento através da internet não parece se tratar de um fator decisivo, visto a reconfiguração das relações entre consumidor e o mercado literário no mundo digital.

O crescente aumento dos seguidores vem despertando mudança significativa nesta visibilidade juvenil, por exemplo, pelo interesse das assessorias de marketing de empresas editoriais ao vincular obras da mídia impressa nas novas modalidades, visando ao aumento dos lucros e dos espaços de atuação, que pode gerar mudanças de comportamento no que tange à espontaneidade na escolha das obras compartilhadas. Bem como, a ampliação destes espaços virtuais de relatos de si em outras mídias, tais como filmes e

---

<sup>3</sup>Disponível em: <https://www.youtube.com/user/minhaestante/playlists?flow=grid&view=1>

livros, sugerem novas formas de produção e compartilhamento de narrativas a partir de experiências e vivências de pessoas comuns.

Como recorte deste estudo, a literatura continuaria com sua produção no mercado editorial, mas adentraria as casas de interessados nas novas produções através de narradores e produtores de conteúdos comuns que, apesar de inicial criação espontânea, singular e criativa, passaria a fazer parte de um fluxo de informações e formação que não estaria isenta dos interesses e astúcias do mercado, como afirma Sibília (2016, p. 17):

Tanto na internet como fora dela, uma característica da sociedade globalizadas do século XXI é que a capacidade de criação costuma ser capturada pelos tentáculos do mercado, que atijam como nunca essas forças vitais e, ao mesmo tempo, não cessam de transformá-las em mercadorias.

Há de se destacar que para cada quantitativo de visualização de determinado vídeo, o autor do produto recebe incentivos de diferentes naturezas que vão de novos títulos literários para apreciação à retribuição financeira. Logo, o que se inicia como um processo de compartilhamento de experiências do homem comum, a partir de suas concepções literárias, torna-se no decorrer dos anos mercadoria a ser comercializada de forma profissional, intencional, mas com um teor de: recomendação de um amigo. Deve-se então destacar a possibilidade da ausência de neutralidade do que se oferece e consome nos dias atuais, pois como afirma Debord (2017, p. 52), “o mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido”.

### **Narrativas digitais: O fim das narrativas ou novas formas de difusão literária?**

As narrativas sempre representaram a forma de conhecimento dos povos e como estes relacionavam a linguagem à memória e tradição. A tecnologia da escrita já trouxera mudanças nas formas de propagação da sabedoria e história

de um povo, mas, extinguiria a necessidade do homem em (com)partilhar suas experiências através da oralidade?

Jorge Larrosa Bondiá (2002) nos remete ao fato de que somos seres formados por palavras, e que através destas, constituímos nossos pensamentos. Dentre tais palavras, a experiência emerge como a representação do que nos passa, aquilo que, efetivamente, nos toca.

Citando Benjamin em texto célebre, Larrosa Bondiá (2002) destaca a superficialidade das experiências no mundo atual ao afirmar que “nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara” (p.23). Desta forma, é preciso diferenciar nos ditos contemporâneos a experiência, algo que segundo o autor exige tempo das vivências, dos acontecimentos repletos de informações que circundam a esfera da superficialidade e da fragmentação. Para Bondiá:

[...] Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. (2002, p. 23)

As narrativas dos vídeos de alguns filmes e das novelas se apresentam cada vez mais cortadas, representativas de certa forma de olhar o mundo que desconsidera o processo e valoriza o resultado.

Essa troca de experiências, este lado épico distante dos cortes e das imagens prontas as quais nos acostumamos, vem à tona por meio da prática da contação de histórias. O retorno do narrador extinto, do qual falava Benjamin (1994), que recupera a palavra como fonte de sentidos, onde, no encontro dos olhares trocados entre os narradores e o público, a experiência é partilhada e o narrador vai construindo as imagens que cada história traz. A ação criadora é, portanto, recuperada neste ato de contar histórias.

Ampliando a relação com as imagens está a memória. Segundo Machado<sup>4</sup> (2004), o encontro entre o narrador e ouvinte gera uma conversa significativa entre a narrativa e a memória de cada um. Dessa forma, as histórias por colaborarem na criação de imagens internas representam maneiras de mediação entre a experiência estética das narrativas e o leitor/ouvinte.

As narrativas contemporâneas ganharam contornos audiovisuais e transmidiáticos, diferentemente do papel do narrador por Walter Benjamin (1994). Por este autor, a narrativa é experienciada com o outro, hoje verificamos que acontece para o outro. Novas narrativas que valorizam mais o protagonista, do que o autor ou narrador do fato/ acontecimento.

Larrosa Bondiá afirma que “o sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos (...), em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal” (1999, p.48). Parece ser este o mesmo sentido dado por Santos (2002) a sua afirmação de que todo o conhecimento é autobiográfico.

Sobre a relação entre a literatura e as redes virtuais, Xavier (2005) afirma que essa nova forma de aprendizagem que acontece nas redes virtuais se caracteriza por ser mais dinâmica, participativa, descentralizada e pautada na independência, na autonomia, nas necessidades e nos interesses imediatos de cada um dos aprendizes que são usuários das tecnologias digitais.

Essas novas formas de lidar com o conhecimento e as informações digitais, apesar do enfoque no estudo na juventude, reflete mudanças significativas e crescentes desde a infância na atual sociedade, como afirma Fernandes (2009, p.23):

[...] vivemos numa época de profundas e rápidas mudanças sociais e culturais. Assim, a experiência da criança de hoje é profundamente marcada pelo contato cada vez mais frequente com a imagem, principalmente a imagem em movimento da TV,

---

<sup>4</sup>Regina Machado é pesquisadora e contadora de histórias e curadora do Encontro Internacional de Contadores de Histórias de Boca do Céu, suas pesquisas de mestrado e doutorado tratam dos contadores de histórias, na perspectiva da arte-educação.

do computador/internet/videogame, provocando mudanças nos saberes que modificam a troca entre as gerações.

Reconhecemos que, por meio da tecnologia digital, tem se tornado possível a veiculação, de forma crescente, de escritas e materiais audiovisuais que articulam diferentes linguagens, tais como as linguagens verbal, imagética e sonora (BARRETO, 2002).

Segundo Chartier (1997), a escrita na Internet nos conduz a refletir sobre como a noção de texto está sendo modificada com o passar do tempo e como os avanços tecnológicos incorporam mudanças que promovem novas formas de interação textual. Assim, essa nova configuração textual abre espaço para novos tipos de interação, com novas formas de produção de textos e de leitura que, por sua vez, exigem diferentes capacidades de seus usuários. A leitura e escrita na tela trazem novas formas de acesso à informação e também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever (SOARES, 2002).

Essas transformações nas formas de interação com o outro e diferentes maneiras de se relacionar com a informação e conhecimento são propostas de novas gerações que experimentam diversificadas possibilidades de construção de identidade, expressão e participação social, conforme contribuições de Novaes (2007), ao destacar que “é preciso atentar para novas apropriações e linguagens que renovam a política e (re)inventam possibilidades do(a) jovem de hoje estar e agir no espaço público” (p. 100), incluindo, o virtual.

Tais espaços de compartilhamento de opiniões e críticas literárias da juventude expressariam as linguagens e os discursos socialmente construídos, mas também, reflexo das experiências individuais do indivíduo, o *eu* expresso intensivamente por jovens nas redes sociais.

Atualmente, um fator importante na formação desta juventude e nas formas de interação social se dá na transformação desta pessoa comum em protagonista nos espaços virtuais. No entanto, outro fenômeno ainda mais recente vem de forma gradativa ampliando as “áreas da internet onde os usuários não são apenas os orgulhosos protagonistas, mas também os principais produtores do conteúdo” (SIBILIA, 2016, p. 23).

No entanto, a curiosidade nas concepções individuais das pessoas sobre diferentes esferas, dentre elas, a crítica e a produção literária, tem despertado cada vez mais o interesse nas redes virtuais, como afirma a ensaísta argentina Beatriz Sarlo (2007, p.16): “(...) se acentuou o interesse pelas pessoas “normais”, quando se reconheceu que não só elas seguiam itinerários sociais traçados, como protagonizavam negociações, transgressões e variantes”.

Tal curiosidade é notada ao se reconhecer que o gênero textual que prevalece nos primeiros anos, na atualidade ainda considerado o mais popular, é o diário, com linguagem informal e expressão de pensamentos, experiências e relatos de vida do autor (CARVALHO, 2000). Outros gêneros acabaram incorporados e atribuindo novas tipologias textuais a este diversificado ambiente virtual, tais como músicas, jogos, imagens, resenhas críticas e textos literários.

Os canais do *youtube*, em específico aqueles protagonizados por jovens que abordam a crítica literária, narram histórias de livros que julgam como boas indicações de leitura e compartilham textos autorais que relacionam-se aos interesses e situações do cotidiano da juventude contemporânea.

Através dessa diversidade linguística e identitária que os blogs e canais do *youtube* vão, cada vez mais, se configurando como acessível e atraente instrumento de letramento, e materializando concepções de que todo texto é multimodal e multissemiótico, como afirma Nascimento (2012), sempre marcado por intencionalidades e recursos, ainda quando constituído somente por escrita, visto as diferentes cores, tamanhos e fontes.

Ressalte-se que os vlogs/canais de comunicação e demais mídias advindas das novas tecnologias ressignificam a relação dos indivíduos/usuários com as diversas linguagens e conhecimentos, minimizando distâncias entre a leitura e o potencial leitor e ultrapassando as barreiras físicas das leituras escolares. E há de se dar importante atenção ao fato de que, como afirma Sousa (2011) “a língua não apenas comunica, ela também inclui, exclui, transmite ideologias, liberta, aprisiona, conscientiza, aliena” (p.140).

## Considerações Finais

A leitura e a escrita exercem importante influência em nossa formação histórico social, visto reforçar ou transgredir relações de poder e legitimidade do saber, representando sempre, independente do campo de reflexão, um lugar de disputas e dominação.

Neste artigo buscamos refletir sobre as novas formas de relacionamento com a literatura, dentre elas, os *booktubers*, e como os jovens, de pessoa comum à protagonistas nas redes, expressam reconfigurações de uma geração que não apenas quer contemplar a obra, mas opinar, compartilhar e produzir novos conteúdos. Tais aspectos apresentam importante aproximação entre o leitor e o livro, historicamente almejado devido aos distanciamentos seja por questões econômicas, geográficas e culturais de nossa formação social. Tanto na formação familiar quanto nas práticas escolares, livros por muito tempo representaram artigos de alto custo ou estavam restritamente associados à transmissão de conteúdos curriculares.

O protagonismo jovem, que tem levado milhares de leitores vorazes às livrarias e feiras literárias, representa também uma singular forma de relação entre leitor e escritor/produzidor de conteúdo audiovisual. Se por um lado o contato direto permite uma relação mais próxima, como entre amigos que curtem e dão os ‘joinhas’ nos vídeos que agradam, por outro, ao desbravarem desde muito cedo os caminhos da profissionalização e se tornarem fenômenos de audiência, influência e *business*, configuram perfis de celebridades instantâneas, mas, raramente, permanente.

No entanto, se tais reflexões sugerem a vitalidade do potencial tecnológico no incentivo à leitura e produção de conteúdos *pela e para* a juventude contemporânea, resignificando as concepções de narrativas e discurso, aspectos como o empobrecimento da experiência devem propiciar a reflexão da maneira com que nos relacionamos com o tempo, as vivências cotidianas e a memória cultural. Bem como, não excluem a riqueza de narrativas de diferentes formas, como aquelas partilhadas pelos mais velhos, contadores de história, artistas e tantas outras formas de propagação da cultura de um povo.

Se situarmos a discussão ao espaço de formação do jovem, tendo como delimitação de análise a escola e a família, tais movimentos parecem passar

despercebidos nas relações presenciais. A escola, importante espaço de mediação e formação cultural, que em sua composição curricular contempla o desenvolvimento de gêneros literários e a leitura de obras que fomentem o conhecimento do aluno no que tange a literatura brasileira e estrangeira, parece não reconhecer e/ou dialogar precisamente com produções realizadas por seu próprio público. Dessa forma, há de se lançar o desafio para a escola de:

Educar com, sobre e através das mídias nos leva a considerar a presença da mídia e do debate do papel da escola e dos sujeitos na relação com ela numa dimensão ética e de formação da autoria responsável por meio delas tendo esse entendimento de que elas participam de modo significativo na constituição de formas de ver e se relacionar com o mundo, e que ao tecer fios nessas tramas culturais, todos nós nos formamos (FERNANDES; DALETHESE, 2015, p. 136).

Seja como estratégia de incentivo à leitura e formação de leitores, ou mesmo, análise crítica do que se tem produzido e vinculado na internet, visto se tratar de um tema diretamente relacionado ao cotidiano escolar, o que pode ser observado, no entanto, que “esses hábitos culturais dos jovens no trabalho colaborativo em rede não dialogam com a cultura da escola” (FERNANDES; BATISTA, 2016, p. 130).

Outro desafio a ser observado nas relações virtuais com a literatura, deve-se ao fato de que não se trata apenas da interlocução entre pessoas com interesses em comum, mas de importante espaço de disputa e conquista de consumidores atraídos, inicialmente, como seguidores de *booktubers* por grande e complexo mercado editorial, que se adapta a este processo de quebra de hierarquias e paradigmas nas redes de produção e propagação de conteúdo.

O artigo provoca questões para estudos posteriores de um fenômeno recente, mas crescente. Dentre algumas: Quais os impactos das produções de jovens *booktubers* na formação de leitores na atualidade? O que há de essencialmente espontâneo e/ou fins mercadológicos nos vídeos produzidos e vinculados nos canais do *youtube*? Quais os meandros e intencionalidades podem ser identificados a partir da produção audiovisual vigente no campo literário? Como a escola e a família dialogam, contribuem e refletem tais produções em seu contexto?

Logo, se o horizonte dos canais literários possibilita a visualização de novos leitores e escritores, que cada vez mais ocupam o imaginário e participam da formação literária das novas gerações, há de se refletir quais os meandros e interesses envolvidos nestas plataformas virtuais e a qualidade das críticas vinculadas, visto a democracia tecnológica não necessariamente garantir padrões e critérios objetivos.

Torna-se fundamental o debate sobre o fato que, apesar das inúmeras produções inéditas e advindas da sabedoria e vida comum de quem compartilha suas percepções sobre literatura representarem novas formas de interação com a leitura, poderia conduzir tal criatividade individual a uma lógica capitalista e mercadológica, pois, ainda que revestidas de recursos simples de produção audiovisual, refletem tendências e formas de reorganização do mercado editorial através de grandes ou subcelebridades.

Outra questão a ser refletida se dá que a eventualidade de novas versões e linguagens tecnológicas sobre a literatura não significariam substituição das anteriores. Os blogs e vlogs, apesar de vincularem material literário e narrativas de si como os velhos diários, críticas e resenhas literárias de jornais e periódicos, propõem novas formas e meios de interação e relação com a obra impressa e digital.

Por fim, não se pode desconsiderar neste debate a existência de um número altíssimo de pessoas que não fazem parte dessa rede de comunicação e interação, que não compartilham dos mesmos recursos tecnológicos, que são excluídas e invisíveis nesta sociedade tecnológica, mas desigual.

### **Referências Bibliográficas**

BAKHTIN (V.N.Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem**. 3ª ed. Trad. Michel Lahud e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARRETO, R. G. **Formação de professores, tecnologias e linguagens: mapeando novos e velhos (des)encontros**. São Paulo: Loyola, 2002.

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BONDIA, Jorge Larrosa. “**Notas sobre experiência e o saber de experiência**”. In: Revista Brasileira de Educação. n. 19. São Paulo, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002.
- \_\_\_\_\_, Jorge Larrosa. **Pedagogia profana: danças piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.) Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FG, 1998, p. 183-191.
- CARROLL, L. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 303p.
- CARVALHO, Rosa Meire. **Diários íntimos na era digital: diários públicos, mundos privados**. In: LEMOS, A., PALÁCIOS, M (orgs). Janelas do ciberespaço. Comunicação e cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1.Artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- CIRIBELLI, J. P.; PAIVA, V. H. P. **Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado**. Revista Mediação, Belo Horizonte, v. 13, jan/jun 2011.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução; Estela dos Santos Abreu; prólogo Christian Ferrer. 2. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- FERNANDES, Adriana Hoffmann. **Infância e cultura: o que narram as crianças na contemporaneidade?** Tese (Tese em Educação) – UERJ. Rio de Janeiro, 2009.

FERNANDES, Adriana Hoffmann; BATISTA, Lucineia. **Audiovisual e aprendizagens contemporâneas por jovens youtubers**. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 13, n. 31, 2016.

FERNANDES, Adriana Hoffmann; DALETHESE, Thamyres. **Cultura, mídias audiovisuais e educação**: questões para reflexão. Revista UNIFESO – Humanas e Sociais Teresópolis/RJ, Vol. 2, N. 2, 2015, pp. 123-139.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GRIMM, J. e GRIMM, W. **Contos maravilhosos infantis e domésticos** / apresentação Marcus Mazzari; tradução Christiane Röhrig; ilustração J. Borges. – São Paulo: Cosacnaify, 2012.

GUIMARÃES, G. C. **A articulação de linguagens na TV**: questões educacionais para a sociedade multimidiática. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LAJOLO, Marisa e Zilberman, Regina. **Um Brasil para crianças**: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos. São Paulo: Global, 1988.

MACHADO, Regina. **Acordais**: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MARTINS, J. de S. **Regimar e seus amigos**: a criança na luta pela terra e pela vida. In: O massacre dos inocentes. São Paulo: Hucitec, 1993.

NASCIMENTO, R. G.; BEZERRA, F. A. S.; HEBERLE, V. M. **Multiletramentos**: iniciação à análise de imagens. Linguagem & Ensino, v. 14, n. 2, p. 529-552, 2012.

NOVAES, Regina. **Juventude e Sociedade**: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. Revista Sociologia Especial Ciência e Vida. São Paulo, out. 2007.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.

PAULO, J. S. et. al. **Blogosfera: perspectivas e desafios no campo da Ciência da Informação**. Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e

Documentação. Cadernos BAD, Redalyc. Lisboa, n. 1, p. 87-106, 2007. Disponível em: Acesso em: 02 de out. 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. In: **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência, V1. São Paulo: Cortez, 2002.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu**: A intimidade como espetáculo. 2. Ed; rev. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

\_\_\_\_\_, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOARES, M. B. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade. V. 23, n. 81, dez. 2002.

SOUSA, Renata M. R. Q. de. **Multiletramentos em aulas de língua inglesa no ensino público**: transposições e desafios. São Paulo, 2011. 192f. Tese. Programa de Pós-graduação em Estudos linguísticos e literários em inglês. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

XAVIER, A. C. S. **Letramento Digital e Ensino**. In: Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. (Org.). Alfabetização e Letramento: conceitos e relações. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

*Recebido em 23/10/2017*

*Aprovado em 18/12/2017*